

Análise descritivo-contrastiva do uso do possessivo de terceira pessoa em inglês e português: transferência interlingüística e aprendizagem de língua estrangeira¹

Antonio Luiz Balbino Neto¹, antonioluiz_balbinoneto@yahoo.com; **Alessandra Soares**²; **Émerson Lopes Cruz**^{3,4}

1. Professor na rede pública estadual de Muriaé;
2. Professora na Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé, MG;
3. Mestrando em Letras (Lingüística) pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), MG; professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Marcelina (FAFISM), Muriaé, MG.

RESUMO: Este trabalho descreve o emprego do possessivo *your* como elemento anafórico de sintagmas referentes à terceira pessoa do singular. Utilizamos *corpora* produzidos por acadêmicos que erroneamente transferiram para a língua inglesa uma estrutura frasal comum em português, resultando em sentenças agramaticais. Baseamo-nos em observações de autores que reconhecem, nessa mistura de formas, a causa de construções anafóricas contextualmente incoerentes e nas teorias de aquisição de segunda língua.

Palavras-chave: interlíngua, língua estrangeira, possessivo.

1 O presente trabalho foi adaptado e modificado de Balbino Neto (2005).

RESUMEN: Análisis descriptivo-contrastivo del uso del posesivo de la tercera persona en Inglés y portugués: transferencia ínter lingüística y aprendizaje de lengua extranjera. Este trabajo describe el empleo del posesivo *your* como elemento anafórico de sintagmas referentes a la tercera persona del singular. Utilizamos *corpora* producidos por académicos que erróneamente transfirieron para la lengua inglesa una estructura de frases común en portugués, resultando en sentencias agramaticales. Nos basamos en las observaciones de autores que reconocen en esta mezcla de formas el inicio de construcciones anafóricas contextualmente incoherentes y en las teorías de adquisición de segunda lengua.

Palabras llaves: ínter lengua, lengua extranjera, posesivo.

ABSTRACT: Descriptive and contrastive analysis of third person possessive usage: Interlinguistic transfer and Foreign Language learning. This work describes the usage of the possessive *your* as an anaforical marker for phrases related to third person singular based on *corpora* wrongly produced by students, who transfer to English a sentence structure that is common to the Portuguese language resulting in ungrammatical sentences. We are based on authors who recognize in this referencial mingling the cause of anaforical retakings contextually incoherent and on Second Language acquisition theories.

Keywords: interlanguage, foreign language, possessive.

Introdução

O presente trabalho analisa e descreve o uso do possessivo *your* como anafórico de sintagmas referentes à terceira pessoa. Observamos diferentes *corpora* produzidos por acadêmicos do ensino superior durante

a aprendizagem da língua inglesa e coletamos para análise construções frasais – certas e erradas – com utilização do possessivo *your*, tratando-o como ocorrência real que contribui para a reflexão de um fenômeno lingüístico presente no processo de aprendizagem.

Preocupamo-nos somente com o estudo da produção lingüística, e não com sua recepção – embora esta seja igualmente importante –, para descrever o fenômeno lingüístico de transferência² de estrutura da língua materna para a produção de dados reais em língua inglesa. Para tanto, apresentaremos comparações lingüísticas entre o português europeu, o português brasileiro e o inglês para explicitar o uso do possessivo. Também investigamos o papel da interlíngua, conhecimento sistemático de segunda língua, através da qual a ocorrência da estruturação lingüística que dá subsídio ao trabalho é justificável.

Partimos de construções frasais em que o possessivo *seu* retoma sintagmas de terceira pessoa que são comprovadamente possíveis em Português e responsáveis por influenciar os alunos na construção de estrutura considerada agramatical³ em Inglês. Opondo a teoria de aquisição de língua materna à teoria de aquisição de língua estrangeira, discutimos a interlíngua para justificar a transferência interlingüística que ocorre especificamente na dissociação de parâmetros sintáticos.

Todo nosso trabalho foi desenvolvido para responder explicitamente como se dá, sincrônica e diacronicamente, o uso do anafórico nos *corpora* analisados. Para tanto, recorreremos a Finger (2003, p. 31), que afirma que “em todos os casos em que um ou mais valores paramétricos não coincidem na L1 e na L2 [...] prevê-se que a fluência completa na L2 não será possível”.

I – Quadro teórico

1.1 – A aquisição de L2

O que diferencia a base das teorias de Aquisição de Segunda Língua (ASL) da de Aquisição de Língua Estrangeira (ALE) é o fator social. A primeira (ASL) ocorre quando o indivíduo está em meio a um grupo de pessoas que

2 Embora a literatura de aquisição de Segunda Língua tenha consagrado o termo “transferência”, faz-se necessário dar voz a Ellis (1997, p. 54) que sugere o termo “influência interlingüística”, que consideramos mais apropriado.

3 Consideramos, a partir daqui, o termo *agramatical* equivalente a *contextualmente incoerente*, de acordo com Perini (1976, p. 34).

possuem língua materna diferente da sua, aprendendo, pois, através da interação. Diferentemente, no aprendizado de língua estrangeira, os acadêmicos estão em ambiente em que compartilham a mesma língua materna de seus interlocutores. Como podemos constatar nas definições de Ellis (1994, *apud* SCHEUTZE, 2002, p. 2),

Em ALE o idioma não tem nenhum papel principal na comunidade e é essencialmente instruído na sala de aula enquanto que em ASL o idioma tem um papel institucional ou social na comunidade. Na ASL os falantes têm mais contato com a Língua Alvo que na ALE (trad. nossa).

Embora essa distinção esteja bem documentada (ELLIS⁴, 1994; RÖSLER⁵, 1995; EDMONDSON⁶, 1999; LIGHTBOWN⁷, 2000), Ellis (1994, *apud* SCHEUTZE, 2002, p. 2) ressalta que “é aconselhável adotar uma visão mais branda. ALE e ASL não deveriam ser vistas como categorias estanques, mas como entidades que são entrelaçadas na Língua que se está aprendendo” (trad. nossa).

Com base nessa última concepção de Ellis (1994), apropriaremos-nos das teorias de ASL e utilizaremos os termos Segunda Língua e Língua Estrangeira indiscriminadamente.

- 4 Ellis, Rod. **The study of the second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- 5 Rösler, D. Deutsch aus fremd-und zwitsprache: gemeinsamkeiten und unterschiede. In: N. Dittmar; M. Rost-Roth (eds.). **Deutsch als zweit-und fremdsprache**: methoden und perspektiven einer akademischen disziplin. Frankfurt/Main: Lang, 1995. p. 149-60.
- 6 Edmondson, W. **Twelve lectures on second language acquisition**: foreign language teaching and learning perspectives. Tübingen: Narr, 1999.
- 7 Lightbown, P. Classroom SLA research and second language teaching. **Applied Linguistics**, 21, (Anniversary article) p. 431-62. 2000.

A língua materna e a aquisição de língua estrangeira

Ao estudar a aquisição de línguas, Finger (2003, p. 28) observa que “[...] esperar-se-ia que o processo de aquisição/ aprendizagem de uma segunda gramática, pudesse ser explicado com base nos pressupostos básicos responsáveis pelo processo de aquisição de língua materna [...]”, mas as teorias de aquisição de língua materna e de língua estrangeira possuem embasamentos e pressupostos próprios e não são necessariamente idênticos.

Ao comparar os processos de aquisição de língua materna e língua estrangeira, De Grève e Van Passel (1974) afirmam que estabelecer paralelos entre elas não passa de “lamentável confusão”. Argumentam eles que

Para quem aprende uma língua estrangeira, isto implica imediatamente no conhecimento, por incompleto que seja, e no uso, por imperfeito que seja, de um outro sistema lingüístico, o de sua língua materna [...]. As condições em que se processa a aprendizagem de uma língua estrangeira em meio familiar e social no qual não se fala esta língua não podem, em hipótese alguma, se comparar às que permitem a assimilação da língua materna. Mesmo no caso em que ocorram condições ótimas, isto é, quando se ensina a língua estrangeira num país em que se fala esta língua, o aluno não conhece as condições particulares que permitem a assimilação da língua materna [...]. É, pois, um grande erro achar que se possa reproduzir, para uma língua estrangeira, as condições em que se aprende a língua materna (DE GRÈVE; VAN PASSEL, 1974, p. 48-9).

A interlíngua e o processo de aprendizagem de língua estrangeira

Não consideramos a aprendizagem embasada exclusivamente na teoria empirista (ou behaviourista, que vê o aprendizado como formação de hábitos através de estímulos ambientais) ou na teoria racionalista (ou inatista que enfatiza a capacidade inata dos aprendizes em adquirir uma língua) como opõe Langacker (1972, p. 245-7). Justificamos, para tanto, que essas teorias típicas da aquisição de língua materna (guardadas as devidas proporções) são complementares e concorrentes para o aprendizado de língua estrangeira.

Para entender o processo de Aquisição de Segunda Língua, o conceito de interlíngua é fundamental. Segundo Ellis (1997, p. 33),

O termo “interlíngua” foi cunhado pelo lingüista americano, Larry Selinker, em reconhecimento do fato que aprendizes de segunda língua constroem um sistema lingüístico que se aproxima em parte da língua materna do aprendiz, mas é também diferente desta e também da língua alvo. A interlíngua do aprendiz é, portanto, um sistema lingüístico único (trad. nossa).

A partir do conceito do que é interlíngua, podemos afirmar que no decorrer da aprendizagem de língua estrangeira, assim como no de segunda língua, as regras que subjazem à compreensão e à produção deslocam-se do paradigma da língua materna e se orientam de acordo com as regras da língua estrangeira na mesma proporção.

Tendo em vista o caráter transitório dessa “gramática interna” formulada pelos aprendizes, fala-se num *continuum* da interlíngua, na medida em que o sistema lingüístico é reestruturado e aumenta o grau de complexidade do conhecimento da língua estrangeira.

Para Ellis (1997, p. 34), o desenvolvimento da interlíngua se dá através de estratégias de aprendizagem, que nada mais são que procedimentos comportamentais ou mentais, justificando nossa defesa anterior às duas teorias que não são excludentes.

Uma vez que a interlíngua se relaciona com a aquisição de segunda língua, pressupõe-se que não importam quaisquer que sejam a língua materna e a língua alvo, pois o processamento da interlíngua nos indivíduos é o mesmo. Isto é possível porque a interlíngua é justificável através da gramática universal chomskyana, uma “representação do estado inicial da faculdade lingüística antes de qualquer experiência” (CHOMSKY, 1988, p. 61. trad. nossa).

Metaforicamente, Chomsky explica que

Podemos pensar na faculdade lingüística como uma rede complexa e intrincada de alguma forma associada com um painel de controle consistindo numa série de interruptores que podem estar em uma de duas posições. A menos que os interruptores estejam posicionados de uma forma ou outra, o sistema não funciona. Quando estão dispostos em uma das formas permissíveis, então o sistema funciona de acordo com sua natureza, mas diferentemente, dependendo como os interruptores estejam dispostos. A rede fixada é o sistema de princípios da gramática universal; os interruptores são os parâmetros a serem fixados pela experiência (CHOMSKY, 1988, p. 62-3. trad. nossa).

Essa teoria, relacionada às considerações já mencionadas de Finger (2003, p. 29-31), nos leva a perceber que os modelos cognitivos instanciados pela língua materna servem como opções paramétricas para o desenvolvimento da língua estrangeira e, caso não haja coincidência desses valores, não se alcança a proficiência da língua alvo.

A interlíngua e os fenômenos de *backsliding* e *fossilization*

Ao analisar o processo de aprendizagem de língua estrangeira, é preciso considerar os aspectos cognitivos envolvidos. Do contrário, a descrição de sentenças como as do nosso trabalho seriam justificadas como mera deficiência de aprendizagem, que poderiam ser solucionadas através de revisão de conteúdo gramatical aprendido.

Por se tratar de sistema cognitivo que os alunos constroem durante sua aprendizagem, a interlíngua abarca o *backsliding* e *fossilization* ao caracterizar uma aprendizagem ainda em desenvolvimento.

Sob essa perspectiva, ressaltamos que a produção de estruturas por parte de aprendizes, ao empregar regras que pertencem a um estágio anterior ao nível de desenvolvimento em que se encontram, pode ser caracterizada pelo fenômeno chamado de *backsliding* (ELLIS, 1997). Algumas premissas sobre a aquisição de língua estrangeira ajudam a responder qual a causa dessa “não-internalização” do processo de transferência interlingüística. Entre outras, acreditamos que tal fato explica-se em decorrência de os alunos passarem por um processo de reformulação e experimentação de hipóteses sobre a língua alvo a partir de um conhecimento geral adquirido da língua materna.

Pouco a pouco, eles reajustam o modelo mental da nova língua, aperfeiçoando seu desempenho. Assim, as hipóteses bem-sucedidas tornam-se regras da nova língua e, conseqüentemente, os alunos adquirem maior competência lingüística. Do contrário, essas regras são revistas ou descartadas, podendo ou não caracterizar o *backsliding*.

Na medida em que não se consegue dominar determinado aspecto da língua estrangeira e a competência lingüística estaciona, chega-se a um segundo estágio conhecido como *fossilization* ou, nas palavras de Ellis (1997, p. 34), “processo responsável pela cessação de aprendizagem da língua alvo” (trad. nossa).

Podemos caracterizar como *fossilization* o fato de, depois de algum tempo de aprendizagem, os alunos continuarem a usar de modo genérico o possessivo *your* para todo e qualquer sintagma de terceira pessoa.

1.2 – O uso do possessivo “seu”

Para melhor explicitar a transferência investigada neste trabalho, apontaremos o uso do possessivo *seu*⁸ nas perspectivas das gramáticas de português – língua materna dos alunos em questão –, e de inglês – língua alvo ou estrangeira em aprendizagem. Assim, traçamos paralelos a fim de mostrar que o uso do possessivo⁹ é restrito na variante europeia (que está mais próxima ao Inglês) e que esse uso não se manteve na variante brasileira, mas que simplificaria o fenômeno lingüístico em questão caso houvesse permanecido. E, através do paralelo de usos entre inglês e português pretendemos embasar nossa pesquisa de forma mais elucidativa.

O uso em português

Observando o trecho a seguir, não há dúvida quanto ao conteúdo, pois esse é inteiramente inteligível por falantes nativos de português.

(1) No último *Video Music Awards*, a festa da música organizada pela MTV, Herbert Viana subiu ao palco para receber o principal prêmio da noite. Aproveitou o microfone para homenagear sua geração, dedicando a vitória a “outros grupos que fizeram a história do rock brasileiro dos anos 80” (HENRIQUE; RODRIGUES, 1998, p. 76).

Observamos aqui o uso do possessivo *sua* retomando o nome *Herbert Viana*. Embora haja uniformidade de tratamento, não há ambigüidade estrutural como em (2) “João mora com sua irmã”. Enquanto para (1) não se pode atribuir *sua* a outro termo que não seja Herbert Viana, (2) não esclarece com quem João mora, uma vez que a irmã pode ser de João ou do interlocutor.

8 Ressaltamos que também estão incluídas as formas *seus*, *sua* e *suas*.

9 Lembramos que em cada uma das línguas, o possessivo “seu” possui diferentes classificações. Em Português, acumula as funções de pronome ou adjetivo possessivo, de acordo com o contexto. Em Inglês, é adjetivo e possui forma distinta do respectivo pronome possessivo.

Reconhecemos que o contexto esclarece essa sentença que, embora tomada isoladamente, ocorre em situações reais, em que mecanismos lingüísticos de reformulação são recorrentes e suficientes para solucionar a questão.

Todavia, Bechara (1999, p. 181) lembra que

Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu, sua, seus, suas*, pelas formas *dele, dela, deles, delas, de você, do senhor*, etc., conforme convier.

Em (3) “José, Pedro levou o seu chapéu”, o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José. É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu, mas a referência a Pedro também é possível. Assim, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro.

Contrastando as variantes européia e brasileira, Machado (2006, p. 47) assevera que o uso de *você* para “evitar ambigüidade” é recurso somente encontrando na primeira delas, a européia. Como mostra em (4) “Arquibaldo diz a Eustáquio: Vou ver Adroaldo e seu amigo” (MACHADO, 2006, p. 47), o possessivo *seu* obrigatoriamente está relacionado a *Adroaldo*, equivalendo, na variante brasileira ao possessivo *dele*, o que nos leva a considerar o português europeu mais próximo ao Inglês quanto ao uso dos possessivos em contextos de referência a sintagmas previamente citados.

O uso em Inglês

Os livros didáticos e gramáticas de língua inglesa, em geral, ao tratar dos adjetivos possessivos, só os relacionam com os respectivos pronomes pessoais, sem mencionar contexto de uso. Em decorrência desse fato, é difícil para o leitor e/ou aluno estabelecer o padrão de coerência para o possessivo de segunda pessoa que, como já exposto, não pode funcionar como elemento anafórico para sintagmas de terceira pessoa.

Esclarecendo melhor esse uso, Eckersley e Eckersley (1977, p. 84) alertam que, em inglês, “os adjetivos possessivos mudam de acordo com o gênero e o número do possuidor, e não, como em algumas outras línguas, de acordo com a pessoa ou coisa possuída” (trad. nossa). Aliados a essa questão, consideramos ainda os exemplos de Wackerritt (1984, p. 60) que, citados em inglês e português, evidenciam mais uma vez que o possessivo *seu* retoma a terceira pessoa somente em português. Vejamos:

(5) “Mary and her father are having dinner now / Maria e seu pai estão jantando”.

(6) "Peter and his mother are nice people / Pedro e sua mãe são pessoas agradáveis" (WACKERRITT, 1984, p. 60).

E para elucidar em definitivo o uso de possessivos, Jacobs (1999, p. 100), ao estudar a aprendizagem de Inglês por brasileiros, explicita:

Em português, temos o pronome "você" que substitui o nome de nosso interlocutor direto, mas atende à mesma conjugação verbal de terceira pessoa (ele/ ela). "Tu", que é a segunda pessoa, e exige uma conjugação própria, não é muito usual.

No inglês, isso não ocorre. Existe o pronome *you*, que é segunda pessoa, e é a maneira corrente de substituir o nome da pessoa com que estamos falando. Quando se trata do pronome possessivo, temos *his/ her/ hers/ your/ yours/ their/ theirs*, e todos podem ser substituídos por "seu" / "sua" / "seus" / "suas" no português coloquial.

É importante observar que nem sempre o uso do possessivo *your* vai acarretar sentenças agramaticais. Tanto que a sentença (7) "I told my wife to change your car" (Jacobs, 1999, p. 100) é possível se o carro em questão for do interlocutor. Da mesma forma, é possível em (8) "I told my wife to change her car" (JACOBS, 1999, p.100) se o carro pertencer à esposa do próprio falante.

Uma confirmação desta gramaticalidade é que ambas as sentenças podem ser traduzidas da seguinte forma: (8) "Eu disse para minha esposa trocar seu carro". Haveria, porém, uma falha, ao se tentar com a sentença (7) expressar a mesma posse que em (8).

É por isso que, ao referirmo-nos a sentenças como (2), não as trataremos como erro (ao menos não sob o aspecto normativo, mas numa visão descritiva, uma vez que o conhecimento implícito de língua portuguesa dos alunos os leva a tais construções em inglês), mas como simples ambigüidade estrutural.

Contraste dos possessivos em português e inglês

A partir do levantamento de usos do possessivo em português e em inglês e da teoria da gramática universal desenvolvida por Chomsky (1988, p. 61), podemos afirmar que tanto o possessivo *seu* em Português e o correspondente *your* em Inglês são usados como elementos anafóricos obedecendo a um mesmo parâmetro de coesão. Cada língua, porém, permitirá que seus falantes retomem diferentes sintagmas, fixados de acordo com a experiência

lingüística particular. Dizemos em português: (9) “Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os seus exames” (Cunha; Cintra, 1985, p. 312).

Entendemos que, em Português, o possessivo *seu* pode ser usado como anafórico de segunda pessoa porque está relacionado com o pronome de tratamento *você* que substitui *tu* coloquialmente¹⁰, mas segue o paradigma de concordância nominal de terceira pessoa. Em Inglês, porém, o possessivo *your* só é possível quando retomar sintagmas de segunda pessoa porque o pronome pessoal *you* ao qual se associa, é de segunda pessoa.

Constatamos que o parâmetro de retomada anafórica que determina o uso de *seu* e *your* para segunda pessoa é o mesmo em português e em inglês. O que diverge é a concordância nominal de terceira pessoa, que não ocorre em inglês, e que acreditamos influir na transposição de frases, possibilitando, dependendo do contexto, a tradução de (9) como

(10) “In casual meeting with Julia, Pedro made some comments about her examinations”.

(11) “In casual meeting with Julia, Pedro made some comments about his examinations”.

(12) “In casual meeting with Julia, Pedro made some comments about their examinations”.

e que Cunha e Cintra (1985, p. 312) reconhecem como possíveis intenções para (9), respectivamente:

(13) “Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os exames dela”.

(14) “Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os exames dele”.

(15) “Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os exames deles”.

II – Contextualização da pesquisa

Os *corpora* analisados foram produzidos por acadêmicos do Curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Marcelina, organizado

10 Especificamente aqui, tratamos da forma singular, mesmo sabendo que *seu* possa retomar a forma plural *vocês* e que *your* também seja usado para as formas plurais *seus*, *suas*, e que neste trabalho também fornece evidência de uso semelhante ao singular, porém de forma menos evidente.

em estrutura curricular com duração de quatro anos letivos. Com o intuito de investigar o processo de aprendizagem de língua inglesa o mais próximo possível do seu início, foram escolhidos três acadêmicos que estavam na segunda e terceira séries do curso e que já haviam tido aproximadamente 128 horas-aula de estudo na primeira série. Esses alunos tiveram pouco contato com inglês nos ensino fundamental e/ou médio e, por isso, seu conhecimento de língua estrangeira pode ser considerado rudimentar.

Analisamos produções escritas realizadas pelos acadêmicos nas disciplinas Literatura Inglesa I e II. A preferência por essas disciplinas deveu-se exclusivamente à qualidade e à quantidade de material escrito produzido pelos alunos, em decorrência de as avaliações de literatura permitirem a criação de estruturas frasais livres (uma vez que são desenvolvidas a partir de perguntas discursivas), ao contrário das avaliações de língua inglesa, que possuem caráter indutivo (instiga os alunos a produzir sentenças específicas com construções específicas).

III – Metodologia

Para apresentar os *corpora* produzidos pelos acadêmicos analisados, organizamos os dados de forma que a amostragem evidencie como o emprego do possessivo *your* ocorre durante a aprendizagem de língua inglesa em diferentes estágios da aquisição.

As avaliações utilizadas foram identificadas por um sistema desenvolvido com a finalidade única de denotar valor seqüencial no processo de aprendizagem de língua inglesa. Um texto seguido da marcação (a1b2s3) indica que o *corpus* foi produzido pelo acadêmico 1(a1), durante o segundo bimestre (b2), e que este pertencia à terceira série (s3).

IV – Análise de dados

Considerando o uso de *your* referindo a sintagmas de terceira pessoa, observamos que os alunos fazem três tipos diferentes de retomada agramatical, uma vez que em inglês existem três pronomes pessoais para o singular e respectivos possessivos: *his* (dele), *her* (dela) e *its* (dele/dela), sendo os primeiros usados para seres humanos e o último para animais e objetos, em geral.

Acreditamos que essas retomadas se dão de forma equivocada por influência do português, já que em sentenças como

(16) "The shepherd wants to buy your love with presents" (a1s2b2),

(17) "Amy Foster was ignored in your community" (a1s3b4),
(18) "The civil war had your begin [...] in 1616" (a2s2b4),
o possessivo *your* equivaleria a *dele* e *dela* que, além de não distinguir o gênero, a exemplo de (7), "I told my wife to change her car", podem ser traduzidas respectivamente como

- (19) "O pastor quer comprar *seu* amor com presentes";
(20) "Amy Foster era ignorada em *sua* comunidade";
(21) "A guerra civil teve *seu* início em 1616".

Contudo, exemplos como

- (22) "He was the great social reformer of his age" (a3s3b2),
(23) "She symbolizes the findings of her intuition" (a2s3b2),
(24) "The Restauration period, with its features" (a2s3b1),

mostram que os acadêmicos também fazem a associação entre sintagmas cujo núcleo é um pronome – *ele* em (22) e *ela* em (23) – ou nome – *restauração* em (24) – e seus respectivos possessivos de terceira pessoa: *his*, *her* e *its*.

De forma análoga ao singular, porém menos evidente, as mesmas situações de uso de *your* para o plural ocorrem em

- (25) "Your works [Shakespeare's and Jonson's] might have in common the violence" (a2s2b3),

uma vez que, independente dos trabalhos pertencerem a Shakespeare e Jonson ou a possíveis interlocutores, teríamos em português

- (26) "Seus trabalhos podem ter a violência em comum".

Já em

- (27) "Inside the great castle was the nobles and their ladies" (a3s2b2),

observamos que *their ladies* (suas damas) recupera o termo *nobles* (nobres) imediatamente anterior e que equivale a *they* (eles).

4.1 – Análise sincrônica

Tendo em vista as produções de um mesmo acadêmico, primeiramente observamos a frequência do uso de um ou de outro possessivo nas

retomadas anafóricas. A análise dos *corpora* nos permite classificá-las da seguinte forma:

- a) Em um mesmo *corpus*, ou seja, em uma única avaliação fazem-se retomadas agramaticais seguidas:

- (28) "Your [Samuel T. Coleridge's] life is without on object" (a1s3b2),
(29) "The three poems [...] matches the nature with your own life" (a1s3b2).

Nesses casos, o uso do possessivo *your* é abrangente, uma vez que, não importam quais forem os sintagmas, independente de número (singular ou plural) e gênero (masculino, feminino ou neutro), ele fará as retomadas de forma indistinta:

- (18) "The civil war had your begin [...] in 1616" (a2s2b4),
(25) "Your works [Shakespeare's and Jonson's] might have in common the violence" (a2s2b3).

- b) Em um mesmo *corpus*, sentenças do tipo

- (30) "Robert Browning [...] not is classic [...] and your poetry are complex" (a3s3b2).

alternam com o uso do possessivo usado devidamente, fazendo oposição à anterior como em

- (31) "Charles Dicken's consisted in the field of his observation" (a3s3b2).

Aqui, ocorre o que chamamos em inglês de *mistake* ou lapso, caracterizando que nesse momento o acadêmico já usa *your* devidamente, embora ainda não se use dessa forma em todas ocorrências. Outros exemplos que evidenciam essa alternância estão presentes em

- (32) "He used the sea [...] to explore your own I" (a1s3b4),
(33) "Joseph Conrad is writer careworn with depths of his nature" (a1s3b4).

- c) Em um mesmo *corpus*, duas retomadas seguidas feitas corretamente como em:

- (34) “The women look for their space” (a2s2b2),
(35) “Some men abandoned their jobs” (a2s2b2).

Por esses exemplos podemos julgar que houve internalização do uso do possessivo *your*, já que mesmo em retomadas de sintagmas plurais (que são numericamente menos comuns), há relação adequada como também notamos em

- (36) “The woman that was worried with his [her lover’s] departure” (a1s3b1),
(37) “Man [...] uses his intelligence for absurd and selfish ends” (a1s3b1).

4.2 – Análise diacrônica

Numa perspectiva diacrônica, em que fazemos um levantamento do uso das formas possessivas durante a aprendizagem de língua inglesa, é possível perceber melhor a oscilação entre o uso de *your* ou outro possessivo. Uma amostra disso é o que vemos em:

- (36) “The woman that was worried with his [her lover’s] departure” (a1s3b1),
(28) “Your [Samuel T. Coleridge’s] life is without on object” (a1s3b2),
(38) “Oscar Wilde writes for his own pleasure” (a1s3b3),
(32) “He used the sea [...] to explore your own I” (a1s3b4).

Nessas sentenças, produzidas em bimestres consecutivos de uma mesma série, percebemos que (36) e (38) fazem correta relação do possessivo *his* com seus respectivos sintagmas (*her lover’s*, subentendido pelo contexto e Oscar Wilde, sujeito da frase), o mesmo não ocorrendo em (28) e (32). Essa oscilação de uso (ora correto, ora não) do possessivo e as considerações de Ellis (1997), que apresentamos anteriormente, nos levam a caracterizar esse fenômeno como *backsliding*.

V – Considerações finais

Pudemos inferir que o uso do possessivo *your* como elemento anafórico de sintagmas referentes à terceira pessoa ainda não havia sido internalizado completamente no período de aprendizagem em que se encontravam os acadêmicos analisados. Prova disso são os casos de *backsliding* encontrados, que corroboram o uso da língua materna como fonte de transferência na produção dos *corpora*, uma vez que o possessivo *seu* faz retomada gramatical e não-

ambígua no português coloquial e que, para os acadêmicos, possui semelhante estruturação em inglês.

Percebemos também que, devido ao curto período recortado para análise, não seria possível classificar os equívocos repetidos de uso do possessivo como casos de *fossilization*, pois é na redefinição gradual do modelo mental, ou simplesmente no *continuum* da interlíngua, que os alunos irão internalizar ou não o uso do possessivo *your* somente como anafórico de sintagmas referentes à segunda pessoa.

Opomo-nos, portanto, ao pressuposto de que o aprendizado e o domínio de mecanismos lingüísticos são influenciados (unicamente) pela passagem do tempo, da mesma forma que não alegamos que, em estágios mais avançados da aprendizagem, as retomadas anafóricas indevidas com *your* desapareçam.

Referências bibliográficas

BALBINO NETO, Antonio Luiz. **Transferência interlingüística**: análise descritivo-contrastiva do uso do possessivo de terceira pessoa em inglês e português. 2005. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras: Português/ Inglês) - FAFISM, Muriaé.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. amp. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CHOMSKY, Noam. **Language and problems of knowledge**: the Managua lectures. Cambridge: MIT Press, 1988.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DE GRÈVE, Marcel; VAN PASSEL, Frans. A psicolingüística. In: _____. **Lingüística e ensino de línguas estrangeiras**. Tradução de Genieve Masuet. São Paulo: Pioneira, 1975.

ECKERSLEY, C. E.; ECKERSLEY, J. M. **A comprehensive english grammar for foreign students**. London: Longman, 1977.

ELLIS, Rod. **Second language acquisition**. Oxford: OUP, 1997.

FINGER, Ingrid. Aquisição de segunda língua: abrangência e limitações do modelo gerativista. **Revista da BRALIN**. v. 2, n. 2, p. 23-45, nov. 2003.

HENRIQUE, Cláudio; RODRIGUES, Cinthia. Aumenta que isso ainda é rock'n'roll. **Época**. São Paulo: Globo, v. 1, n. 26, p. 76-9, nov. 1998.

JACOBS, Michael Anthony. **Como não aprender inglês**: erros comuns do aluno brasileiro. 8. ed. São Paulo: MAJ, 1999. v. 1.

LANGACKER, Ronald W. A Universalidade do plano da linguagem. In: _____. **A linguagem e sua estrutura**. Tradução de Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1972. cap 9. p. 243-59.

MACHADO, Josué. O que une separa. **Língua Portuguesa**. São Paulo: Segmento, v. 1, n. 9, p. 44-8, jul. 2006.

PERINI, Mário Alberto. **A gramática gerativa**: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa. Belo Horizonte: Vigília, 1976.

SCHEUTZE, Ulf. **Speaking an L2**: second versus foreign language acquisition. 2000. Disponível em : <http://edocs.lib.sfu.ca/projects/NWLC2002/NWCL2002_Proceedings_Scheutze.pdf> Acesso em: 13 nov. 2005.

WACKERRITT, Henriqueta K. von. **Gramática da língua inglesa**. Porto Alegre: Sagra, 1984.